

Collor quer abrir país ao capital estrangeiro

Brasília — Gilberto Alves

BRASÍLIA — O candidato do PRN à Presidência da República, Fernando Collor de Mello, acha que o Brasil não poderá prescindir do capital estrangeiro em seu caminho para o crescimento econômico. Sua proposta econômica ainda não está pronta, mas Collor adiantou que não terá a seu lado economistas da escola ortodoxa, pois isto “é sinônimo de recessão e arrocho salarial”, e disse que pretende conduzir o país para o desenvolvimento.

Ao defender a abertura da economia brasileira para o exterior - “sem a perda da soberania” -, Collor lembrou que comunga dos princípios pregados pelo ideólogo da Perestroika soviética, Abel Aganguian, que esteve recentemente no país, e brincou: “Se o PCB continuar na linha em que está, daqui a pouco meu discurso será o mesmo de Roberto Freire, o candidato comunista à Presidência.

Segundo a professora Zélia Cardoso de Melo, responsável pelo projeto econômico de Collor, a proposta só deverá estar pronta na semana que vem e, em linhas gerais, defende o que ela denominou de princípio da integração soberana da economia brasileira com o capital internacional. Collor acha que o capital estrangeiro é necessário porque a poupança interna não é suficiente para garantir a retomada do crescimento econômico. Zélia adianta que, apesar disso, o candidato defende mecanismos de proteção à indústria nacional. Quais, não revela.

A política econômica, de acordo com a formuladora do plano de Collor, não pode ser xenofoba, embora a reserva de mercado seja um instrumento válido em alguns casos, e mesmo assim provisoriamente. Zélia disse que ainda não pode dizer nada sobre a reserva na área de informática. Collor não propõe nenhuma mudança no capítulo da ordem econômica da nova Constituição, pois acha que as regras estabelecidas ali não o impedirão de implementar a política econômica que deseja.

Militares e empresários estão fora do roteiro de Collor, que não pretende buscar apoio de nenhum desses dois setores. Acionista da empresa de comunicação que herdou do pai, em Alagoas, o empresário, não está “a fim”, como disse, de procurar a categoria porque se considera “um candidato da sociedade civil e não das elites dirigentes”.



Collor não quer ao seu lado economista da linha ortodoxa